

2. MEIRINHO, Jali. *Republica e Oligarquias: subsídios para a Historia Catarinense, 1899-1934*. Florianópolis: Insular, 1997.
3. MOURA, Antônio de Freitas et alii. Florianópolis: *Homenagem ou Humilhação?* Florianópolis: Insular, 1995.
4. VILARINHO, Miriam Augusto da Silva. *A Tarde*, 14.11.1989. Caderno especial dedicado aos 100 anos da Proclamação da República.

## CANUDOS NA BOCA DO POVO

À memória de "Seu" João Guerra, D. Isabel e D. Zefinha, vozes eternas de Canudos.  
*Manoel Neto*

*Historiador e pesquisador do CEEC UNEB*

Tema de muitas páginas, registro de incontáveis documentos, Canudos é também canto, imagens e memória.

Na palavra do letrado é frase euclidiana, tese acadêmica, tertúlia e debate. Na boca do povo, de poucas letras, transforma-se em conversa evocativa, familiar, saudade enrugando a alma e tecendo caprichosa o fio da lembrança.

Movimento popular, rural, Canudos urbanizou-se pela literatura, pelo informe jornalístico, adentrando os salões iluminados da academia. No dizer sugestivo do mestre José Calasans, tornou-se prisioneiro na gaiola dourada, de inusitado estilo, do cantagalense Euclides da Cunha\*. A palavra escrita, impressa, retratava com vigor a ousadia libertária de uma gente simples, majoritariamente iletrada e reclusa na tosca gaiola do latifúndio e da prepotência ilustrada.

A cidade extinguiu-se sob chamas e entusiásticas aclamações republicanas, no inolvidável entardecer de 05 de outubro de 1897.

\* O escritor Euclides da Cunha nasceu na cidade de Cantagalo-RJ.  
*Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v.2 n.2, 1997*

Antes porém, havia Antônio Conselheiro em suas andanças, cabeça de barulhento e operoso séquito. Depois, evoluídas as cinzas, tardias indignações e calhamaços de papéis impressos, manuscritos, empilhados, testemunhos oficiais e oficiosos da “charqueada”. Documentos públicos e particulares. Atulharam-se os arquivos civis, militares e eclesiásticos. Ingressando na história, Canudos e seus algozes, transfiguraram-se em amarelecidas, as vezes puidas, mas sempre reverenciadas, consultadas e citadas fontes primárias. Porto seguro do historiador criterioso e atento, também oxigênio da empolada e mistificadora história oficial; em ocasiões raríssimas fiel narrativa das razões subjugadas. Como, entretanto, auscultar os derrotados? Como aproximar-se do bárbaro e incompreensível inimigo?

Os cantadores e poetas populares, voz e alma da gente simples, ocuparam-se do Peregrino e seu séquito. Inicialmente o andejar, depois, a guerra e seus personagens. Ensina-nos Ruth Brito Lemos Terra, que “os feitos de valentes, homens ou animais, sempre foram evocados pelos cantadores de maneira privilegiada. Muitas são as histórias de bois e onças, narradas não raro na primeira pessoa. As façanhas de valentes como Jesuíno Brillhante ou as lutas de Liberato contra os Guabirabas, foram cantadas em festas e feiras.<sup>1</sup> Também Canudos, confirmamos o mestre Calasans: “Foi Silvío Romero, em 1879, o primeiro escritor brasileiro a dar notícias de um ciclo de poesia popular que se estava formando em torno da figura messiânica de Antônio Conselheiro, na época conhecido apenas no centro das Províncias da Bahia e Sergipe<sup>2</sup>”. Escutemos o povo: *Do céu veio uma luz Que Jesus Cristo mandou Sant’Antonio Aparecido Dos Castigos nos livrou Quem ouvir e não aprender quem souber e não ensinar No dia do juízo A sua alma penará.*

Os acontecimentos de 1896-97, suas refregas e protagonistas, tornaram Canudos matéria constante nos jornais e incendiaram o imaginário popular. A pena e a viola afiaram-se, derramando nas estradas, lugarejos, cidades, praças, feiras e logradouros públicos, fatos e fantasias da batalha sertaneja. Conta-nos João Melchades Ferreira: “*Foi acabar com Canudos A primeira expedição Do tenente Pires Ferrei-*

*ra que chegando ao sertão foi ferido com as praças voltou sem ganhar ação*”. Noticiaristas apaixonados, os artistas e autores populares, vergastavam com democrático rigor as forças e os litigantes mais notórios do conflito. Era um dizer imaginoso e pueril, em alguns momentos contraditórios, compreensível face a complexidade dos acontecimentos.

O mundo letrado muito falou e muito escreveu. Estudantes e intelectuais se pronunciaram, explicitando retardado “*mea culpa*”. Procuravam explicações, esmiuçavam fatos, numa tentativa frenética de desvendar Antônio Conselheiro e seu povo. Somente no ano de 1899, surgem três obras<sup>3</sup>, hoje clássicas. Alvim Martins Horcades, acadêmico de medicina que presenciara os combates, durante a expedição Arthur Oscar, publica *Descrição de uma Viagem a Canudos*, contendo inclusive pungente relato sobre a degola. César Zama, agitada presença e inflamada palavra daqueles dias, torna público seu *Libelo Republicano*, onde desanica seus adversários políticos e escreve alentada defesa dos moradores belomontenses. No mesmo período, o ex-correspondente de guerra do Jornal do Comércio, Manoel Benício, lança seu interessantíssimo *O Rei dos Jagunços - Chronica Histórica e de Costumes Sertanejos*. É nesse momento, que a cidade rebelde dos sertões baianos, seus habitantes e seu cotidiano, merece minudente descrição. No universo literário de Benício o povo canudense ressurgiu imerso na sua utopia. Planta e colhe, ora e constrói, cuida dos seus animais e educa suas crianças. A cidade é povoada de brancos, negros e índios, homens e mulheres, seguidores do Bom Jesus e destemidos combatentes dos incréus. Ao recriar o universo dos oprimidos (mérito maior de sua obra), o autor deu voz a cultura popular, distinguindo-se entre outros escritores que se ocuparam do tema naqueles tempos. Enquanto isso, na sua modesta cabana de engenheiro, na bucólica São José do Rio Pardo, o dr. Euclýdes da Cunha gestava o *livro vingador*...

Publicado em 1902, cinco anos após o final do conflito, *Os Sertões* arrebatava a inteligência e a crítica nacional. Impressionava pela temática abordada e pelo estilo áspero do escritor. A terra e o

<sup>3</sup> Inscreve-se, no mesmo período, “Os jagunços”, de Afonso Arinos. *Rev. Canudos. Salvador, UNEB, v. 2 n. 2, 1997*

homem sertanejo surgiam de inopinado para a intelectualidade e a consciência brasileira, então eivadas de frivolidades urbanas e modismos europeus. O livro de Euclides da Cunha era um mergulho no Brasil distante do litoral, um país vestido de couro e fustigado pelos espanhóis que laceravam corpo e alma dos explorados nos extensos latifúndios do semi-árido obscuro.

Observa o prof. Roberto Ventura que “Euclides da Cunha interpretou a Guerra de Canudos a partir de fontes orais, como os poemas populares e as profecias religiosas encontradas em papéis e cadernos nas ruínas da comunidade”<sup>3</sup>.

Ratifica a opinião expressa pelo prof. José Calasans que observa ser Euclides “um dos primeiros ensaístas brasileiros a considerar a contribuição do bardo anônimo para a interpretação dos sentimentos populares de referência às atividades do Bom Jesus Conselheiro”<sup>4</sup>. O ensaísta fluminense recolhe e comenta os ABCs encontrados entre os despojos da luta. Na *Caderneta de Campo* anota: *A 15 de Novembro Não se pode resistir Tirarão Governo da Corte Para desgraça do Brasil*. Adiante: *I garantidos pela lei esses malvados já estão uns tem a lei de Deus Outros a lei do cão*. E assim comentaria, analisando os escritos: “Pobres papeis, em que ortografia bárbara corria parênteses com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado, eles, resumiam a psicologia da luta. *Valiam tudo porque nada valiam*”<sup>5</sup>. Inegável o esforço do analista para compreender aqueles entes desconhecidos, estorvos da República regenerativa caldeados numa plurietnia desabonadora. Em Euclides transparece o *espírito do seu tempo*, conceitos e teses amplamente difundidos. Reafirma-se no particular o pensamento hegeliano: *Nos caracteres dos indivíduos mais notáveis manifesta-se o espírito universal de sua época*<sup>6</sup>.

Muitos outros olhares se debruçariam sobre os acontecimentos de 1896-97. Literatura variada, produzida sob o fogo evocativo ou sob o turbilhão romanesco. Ex-combatentes, guerreiros da República, ocupando-se da complicada logística do conflito. Romancistas, médicos,

jornalistas e políticos, atormentados e seduzidos pelas impressões vividas e escutadas.

Ainda na primeira década desse século, almas doridas e mãos caprichosas, reuniram escombros e recordações, para reconstruir o que as chamadas de intolerância reduzira em cinzas. Consta da Cartilha Histórica de Canudos que “*envolvidos uns bons anos, vão reaparecendo os antigos de mistura com os novos moradores. Ninguém mais chama aquele local de Belo Monte e sim Canudos*”. Como negar, porém, que ao refazer moradas, logradouros e templo, reverenciavam seus mortos e homenageavam exemplos? De boca em boca, de casa em casa, nas varandas e quintais, os velhos diziam aos novos como fora lutar a boa luta. Rejuvenescidos na imortalidade os combatentes da utopia, ingressavam na memória, para romper o manto obscurecedor da história oficial.

No ano de 1947, Odorico Tavares, jornalista pernambucano que se radicara na Bahia desde 1942, realiza uma original matéria para a revista “O Cruzeiro”, em companhia de “um jovem fotógrafo francês, recentemente chegado ao Brasil”, chamado Pierre Verger

Realizada na segunda Canudos, a matéria inovava pela inusitada presença, retratada em imagens e palavras, de ex-moradores e combatentes, que viveram e pugnaram na antiga cidade conselheirista.

Ainda que sofridamente, homens e mulheres, alguns octogenários, recordaram o viver e o lutar belomontense. Assim e que nos alerta Odorico Tavares: “Entre os sobreviventes de Canudos, pode haver maior ou menor reserva sobre Antônio Conselheiro; mas não há uma opinião em contrário”. Meio século após serem recolhidos os depoimentos permanecem atualíssimos, vivazes, sopro de luz clarificando os recônditos da História. Maria Avelina, “cujo rosto e um verdadeiro labirinto de rugas”, na descrição do reporter, comenta sobre Antônio Conselheiro: “*também morreu, deixe ele em paz. Por ele não havia mal no mundo. Perseguraram ele e está aí a desgraça que aconteceu. Moço, não adianta estar mexendo com essas coisas*”. Outra velha



moradora, Francisca Guilhermina, confirma: *"Lu via o Conselheiro, que nos todas chamávamos de Bom Jesus, falando manso, de tarde, para o povo e só dava conselhos bons. Depois veio a luta, foi um desespero, mas tínhamos fé no homem e tudo era pelo amor de Deus"*. Já José Travessia, evoca os duros tempos da guerra: *"As forças chegavam, queimavam tudo, com Arthur Oscar acabou-se Canudos de vez... Meu pai morreu lutando ao lado de João Abade que era um homem direito e com ele não havia moleza..."*. Sobre a morte do coronel Moreira César, o mais celebre dos oficiais republicanos, quem nos conta é Manoel Ciriaco, ancião que impressionou Odorico pelo porte e pela dignidade. Vejamos: *"Seu moço, esse Moreira César já veio encomendado para morrer. Não foi jagunço quem matou ele não. Uma viúva, cujo marido havia sido assassinado por ele, mandou um soldado vingar o finado. Quando Moreira César entrou, como um doido, arraiá a dentro, ninguém atirou no homem, de lá não partiu um só tiro. O soldado foi quem aproveitou e tome bala. A historia verdadeira é esta e pode ser repetida por toda esta redondeza"*. Francisco Cardoso de Macedo, loquaz informa sobre o final da luta: *"Nos dias últimos, eu estava no reduto, vi o grande sino se arrebentar debaixo de balas, batendo ao cair entre as pedras. Hoje, ninguém sabe ao certo o destino do sino, que se ouvia a uma légua por tôdas estas redondezas"*. Não notícia sobre Timoteo, o sineiro. Maria Guilhermina de Jesus, confessa ter sido assistida por Manoel Quadrado: *"No derradeiro combate, uma peça estourou dentro de casa e um estilhaço feriu-me no pescoço, onde o senhor vê. O tratador do Conselheiro fez curativos; depois de quatro dias de cama, consegui fugir para Simão Dias, onde fiquei por lá uns dez anos"*. Já em Monte Santo, fitando a serra do Piquaraçá, finaliza um impressionado Odorico Tavares: *"A presença de Antônio Conselheiro, cinqüenta anos depois, era forte e viva, por sobre a imensa muralha, como o tem sido por tôdas as redondezas dos dramaticos sertões baianos"*.

Como ocorrera com Euclides da Cunha, marcado indelevelmente pelo que vira e vivera. Canudos também não se dissipou nas lembranças e preocupações intelectuais do irrequieto reporter dos Diários Associados. Ao publicar em 1951 o livro "BAHIA - Imagens da Terra e do povo", em que trata da cultura e das festas populares, Odorico retornaria ao assunto, incluindo o que coletara em 1947, num capítulo do livro mencionado. Nas sucessivas edições posteriores da obra, curiosamente, o texto desaparece.

De caráter essencialmente jornalístico, o material publicado na revista "O Cruzeiro", não contempla certamente tudo que o arguto e talentoso reporter viu e ouviu em Canudos. Intelectual voltado para a cultura popular do Brasil, especialmente da Bahia, Canudos não era mero acidente profissional na trajetória de Odorico Tavares. Teria, então, guardado munição para futuros projetos? Fato incontestável é que a matéria tornou-se referência obrigatória para estudiosos e pesquisadores, que adentrando os evocativos e imaginosos salões da memória popular, puderam sentir as inúmeras possibilidades teóricas oferecidas no terreno da oralidade. Muitos outros se aventurariam... A própria imprensa, redescobriria o tema, através de Darwin Brandão a Audálio Dantas por exemplo, situados dentre os primeiros no período pós-guerra<sup>10</sup>.

Ainda que distantes dos marcos metodológicos que viriam a orientar os atuais projetos acadêmicos no campo da *historia oral*, alguns pesquisadores e intelectuais impulsionados por indagações irrespondíveis nas fontes escritas disponíveis e consultadas, voltavam-se para a fala popular buscando equacionar suas dúvidas. Transformaram-se em ouvintes privilegiados. Na cidade renascida e mesmo em outros estados para onde fugiram sobreviventes ao 05 de outubro de 1897, puderam colher importantes pronunciamentos de velhos moradores, ex-combatentes e seus descendentes diretos, incluindo-os em seus trabalhos e publicações hoje clássicas na historiografia canudense. Alguns

<sup>10</sup> Figura singular e extraordinário testemunho foi o sr. José Aras. Enquanto viveu, contou, guardou e preservou a memória dos acontecimentos de Canudos. Escreveu um livro - "Sangue de Irmãos", que já merece uma urgente reedição. (N.A.)

desses testemunhos, inclusive, impuseram uma reeleitura do fato histórico, na medida em que corrigiram, complementaram e resgataram informações relevantes, que se conservavam retraidas nos casulos da memória. Assim, nomes e obras, fizeram-se notórios.

Com mais de quatro décadas dedicadas aos estudos sobre Canudos, o prof. Jose Calasans Brandão da Silva, é inquestionável autoridade no assunto. Sua obra, registrada em muitos títulos, confere ao depoimento popular importante e amoroso prestígio. Em prefácio escrito para o volume "Canudos - Cinquenta Anos Depois" - reedição da Academia de Letras da Bahia e Fundação Cultural do Estado da Bahia, do trabalho de Odorico Tavares, declara: "*conhecíamos a tragédia de Canudos, sobretudo, nas paginas vibrantes do livro vingador de 1902. Era a história relatada do lado de cá. Odorico começou a contar os fatos pela ótica do jagunço, do lado de lá. Nem sei se ele próprio sentiu o extraordinário valor da sua realização jornalística*"<sup>11</sup>. Seduzido pela saga de Antônio Conselheiro e seu séquito, Calasans caminhou para os sertões. Conheceu e escutou Pedrão, Manoel e José Ciriaco, presenças da Canudos pretérita na cidade pré-açudiana. Ouvinte paciente e inquiridor persuasivo, continuou ao longo do tempo, ouvindo e anotando as palavras do povo conselheirista e seus descendentes, incluindo-as em parte substancial de seus livros e muitos artigos. Transformou-as, igualmente, em matéria viva dos seus discursos, conferências e muitas entrevistas<sup>12</sup>.

Pioneiros, também, nas buscas pelos relatos "do lado de lá", assim podemos considerar Abelardo Montenegro, Ataliba Nogueira, Nertan Macedo e Paulo Dantas, autores cujos os escritos são fontes permanentes de consultas e referências. Montenegro, trouxe à público

<sup>11</sup> Importante relato "do lado de cá" é o volume "Canudos - Memórias de um Combatente", do sargento do Exército e participante das Expedições Moreira César e Arthur Oscar, Marcos Evangelista da Costa Villela Jr. Legou-nos importante depoimento, publicado pela Marco Zero, com apoio do Instituto Nacional do Livro. (N.A.)

<sup>12</sup> O professor Jose Calasans, mestre no saber e generoso no ensinar, é hoje o mais importante estudioso de Canudos. Tornou-se, inclusive, uma requisitada fonte oral. Forçoso, falar também do Prof. Renato Ferraz, que ao longo dos anos escuta, pergunta e corrige. Sua contribuição nos estudos de Canudos é inestimável. (N.A.)

em 1954, o seu "Antônio Conselheiro", alentado estudo sobre o Peregrino cearense e os desdobramentos tumultuados e polêmicos de sua trajetória<sup>12</sup>. Ataliba, é responsável pelo estimulante "Antônio Conselheiro e Canudos" que entre os seus muitos méritos reproduz as *Prédicas e Discursos* do líder sertanejo. Pedro Calmon, entusiasmado, diz ser o livro responsável pelo ressurgimento do Conselheiro "da condição miseranda para o plano respeitável"<sup>13</sup>. Obra renovadora, sem dúvida, é o singular "Memorial de Vilanova", contendo pungente depoimento de Honório, irmão do poderoso Antonio. Num depoimento poético e comovente, magistralmente aproveitado por Nertan, o ex-morador e comerciante canudense desvenda com dignidade e nostalgia a vida sócio-econômica de Belo Monte<sup>14</sup>. Coube a Paulo Dantas, em envolvente e saborosa prosa, dar vida e voz a lendária figura do capitão Jesuino, no indispensável "O Capitão Jagunço". Aliás, sobre o mítico personagem, Manoel Ciriaco confessa a Paulo: "*Conheci. Não era lá grande coisa. Veio para Canudos astuciar espertezas. Vendia gado ao Conselheiro. Depois foi traidor...*"<sup>15</sup>. O advento do gravador e outras conquistas tecnológicas, como também, a adesão acadêmica a pesquisa oral, gestaria a geração dos *oralistas*... Superadas "dúvidas comuns como a *representatividade* dos testemunhos, o *alcance histórico* das impressões e a *relatividade* dos casos narrados"<sup>16</sup>, a aceitabilidade da história oral possibilitou o surgimento de um número crescente de projetos acadêmicos e não-acadêmicos. No caso específico de Canudos, essa afirmação teórico-metodológica, trouxe avanços: além de estimular pesquisadores e estudiosos que passaram a desenvolver com maior segurança técnica e financeira suas pesquisas, possibilitou a inserção em maior escala do discurso subalterno na nova produção historiográfica, combatendo uma concepção anacrônica, segundo a qual, somente "são personagens históricos apenas as grandes figuras e aqueles que deixaram marcas arquivadas em espaços oficiais e oficializados..."<sup>17</sup>. Trouxe, igualmente, dificuldades. A proliferação anárquica de entrevistas, apartadas de uma orientação metodológica correta, resultaram em frustradas tentativas de aproveitamento do discurso popular. Sob esse aspecto, fontes preciosas foram desprezadas ou mal exploradas, como decorrência da inexistência ou incorreção no planejamento das entrevistas, despreparo dos entrevistadores, escolha inade-



quada da temática a ser abordada e, finalmente, transcrições pretensamente corretivas, preconceituosas, engessando o modo de falar sertanejo. Felizmente, mesmo entre percalços e tropeços, os meandros da memória clarificaram-se...

As décadas de sessenta, setenta e oitenta são demarcativas\*. A produção historiográfica, à época, já revela um adensamento crítico que demonstra a ruptura dos novos autores, com a leitura dogmática dos *Sertões*. Situa-se, nesse caso, "Canudos: A Guerra Social" de Edmundo Moniz\*\*. Este escritor registra que "minha obra não se baseia apenas na documentação escrita. Baseia-se também no que guardei da tradição oral"<sup>18</sup>. A menção de Edmundo Moniz ao aproveitamento do testemunho verbal em seu livro, confirma a contribuição da história oral para a reeleitura dos acontecimentos históricos, na medida que, se credenciou como "uma alternativa à história oficial, consagrada por expressar interpretações feitas, quase sempre, com o auxílio da documentação escrita e cartorial", conforme analisa o prof. José Carlos S. Bom Meihy. Hoje, raríssimos autores e pesquisadores, não consideram o depoimento oral, para uma abordagem do tema Canudos. A bibliografia é vasta, já estando a merecer, inventário criterioso e analítico. Temos: Oleone\* Coelho Fontes, Luitigarde Barros, Yara Ataíde, Dionísio Nóbrega, Patrícia Pinho, José Carlos Pinheiro, José Guilherme, Sérgio Guerra, Gumercino Martins, Rui Bruno Bacelar, Paulo Emílio Martins, João Arruda, Lúcia Mascarenhas e outros\*\*\*. Vozes e imagens, usadas com sensibilidade e grandeza: Antonio Olavo, Pola Ribeiro, Fábio Paes, Bião, Gereba, Ipojuca Pontes, Evandro Teixeira, Claudio Santos, Tripole Gandenzi, Gabriel Arcanjo.

Na boca e no coração do povo, Canudos sobrevive, eloqüente no seu silêncio centenário. Inconformada e rebelde no coração de seus

\* É desse período o romance de Vargas Llosa "A Guerra do Fim do Mundo", cujos milhões de leitores espelham a universalidade de Canudos. Vargas Llosa, sob a orientação do prof. Renato Ferraz, recolheu inúmeros depoimentos na Bahia. Matéria-prima para seu trabalho. (N.A.)

\*\* Ver também "Cangaceiros e Fanáticos" de Rui Facó, publicado pela Bertrand do Brasil, edição de 1988.

\*\*\* É importante ressaltar ao trabalho da UNEB, que através do seu Núcleo de História Oral, vem coletando e organizando importante acervo. Destaque-se, também, o trabalho da ACEPAC- Associação Cultural de Estudos e Pesquisas, Antonio Conselheiro, organizada e conduzida por jovens canudenses. Indispensável citar o Núcleo do Sertão - UFPA, casa e referência de muitos pesquisadores. (N.A.)

filhos Ioiô da professora. Paulo Monteiro, João de Regis, Ze de Isabe, D. Josefa, João Molambo e Patativa do Assare:

*"Quem andar pela Bahia  
Chegando ao dito local  
Onde aconteceu um dia  
O drama triste e fatal,  
Parece ouvir os gemidos  
Entre os roucos estampidos  
E em benefício dos seus  
No momento derradeiro  
O nosso herói brasileiro  
Pedindo justiça a Deus"*<sup>19</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste*, 1893-1930. São Paulo: Global Editora, 1983.
2. CALASANS, José. *Canudos na Literatura de Cordel*. São Paulo: Ática, 1984.
3. CUNHA, Euclides da, Canudos como cidade Ilustrada, Urbs Monumentosa. *Revista Canudos*, n.º 1, pág. 81, dez. 1996.
4. CALASANS, José. Obr. Cit. Pág. 2.
5. idem págs. 2 e 10.
6. MONIZ, Edmundo. *O Espírito das Épocas*. Rio de Janeiro: Elo, 1984.
7. FERRAZ, Pinheiro, Santos Neto. *Cartilha Histórica de Canudos*, Salvador: UNEB/ Prefeitura Municipal de Canudos-Ba, 1991.
8. TAVARES, Odorico. *Canudos: Cinquenta anos depois, 1947*. Salvador: Conselho Estadual de Cultural / Academia de Letras da Bahia / Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.
9. idem.

10. DARWIM, Brandão. Canudos cidade condenada. *O cruzeiro*, 14.02.53. Audálio Dantas, na mesma revista, publicou a matéria "A nova guerra de Canudos", em 05.12.64.
11. DANTAS, Audálio. A nova guerra de Canudos. *O Cruzeiro*, 05.12.1964.
12. TAVARES, Odorico. Obr. Cit.
13. MONTENEGRO, Abelardo. *Antônio Conselheiro*. Fortaleza: A Batista Fontenele, 1954.
14. NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1978 (Col. Brasileira, vol. 355).
15. MACEDO, Nertan. Memorial de Vilanova. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 1964.
16. DANTAS, Paulo. *O Capitão Jagunço*. 3. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
17. MEIHY, José Carlos S. Bour. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
18. idem
19. MONIZ, Edmundo. *Canudos: A Guerra Social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.
20. Patativa do Assaré (poesia mimeografada). *Espinho e Fulô*. Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto. Imprensa Oficial do Ceará, 1988.

## "TODA NAÇÃO EM CANUDOS" 1893 - 1897<sup>1</sup>

*Índios em Canudos (Memória e tradição oral da participação dos Kiriri e Kaimbé na guerra de Canudos)*

Maria Lucia F. Mascarenhas  
Antropóloga

Foi o "contar" dos velhos índios Kiriri que me abriu os olhos para o acontecido em Canudos e a relevância desses eventos para a vida da região e para os povos indígenas Kiriri<sup>2</sup> e Kaimbé<sup>3</sup>. A história Kiriri é dividida no contar dos mais velhos, em "antes" e "depois" de Canudos. Evidencia-se Canudos como marco importante. Kiriri foi "jagunço", atirou, cantou, rezou, matou, lutou, morreu, fugiu, sobreviveu e conta. Em contrapartida, Kaimbé pouco fala por si mesmo que lutou, morreu, matou e sobreviveu. Isto é, quando se pergunta sobre o fato eles chegam ao ponto de dizer: "ninguém pode provar que índio Kaimbé foi jagunço". Esses dois povos, embora vizinhos, vivenciaram essa experiência, de modo consideravelmente diferente um do outro. Mirandela e Massacará eram importantes pontos de passagem para Canudos, um evento que marcou foi que por lá passaram as "toras" de madeira do Baixão (abaixo de Mirandela), para a construção da Igreja nova em Canudos.

A fragmentação da memória dos índios sobre Canudos está ligada a fenômenos de dominação e repressão pelos quais os mesmos passaram. A memória que se tem trabalhado está mais ligada à clivagem processada pela memória oficial dominante. Deste modo, as lembranças das pessoas pertencentes a povos e grupos sociais que vivenciaram esse

<sup>1</sup> Parte do texto de Monografia Bacharelado em Antropologia intitulada: Rio de sangue e ribanceira de corpos: 1893-1897 - Kiriri e Kaimbé em Canudos. Salvador: UFB, 1995.